

**VALORES E CULTURA**  
**A DIVERSIDADE E O DIÁLOGO DE CULTURAS**  
**10º ANO**

**FICHA 1**

**Relativismo Cultural**

No último século o trabalho de muitos antropólogos mostrou que não existe apenas uma maneira eficaz de o homem se relacionar com a natureza e com os outros homens. Há muitas formas diferentes e igualmente satisfatórias de o fazer. Percebemos que o modo como nos vestimos, nos alimentamos ou celebramos certos rituais, como o casamento ou cerimónias fúnebres, não são comuns a todos os povos, que existem muitas alternativas para atingir os mesmos objectivos (...). Da dieta dos pigmeus, por exemplo, faz parte um preparado à base de larvas que qualquer um de nós teria dificuldade em comer, mas, em contrapartida, deliciamo-nos com caracóis.

Quanto melhor conhecemos a diversidade cultural que nos rodeia, melhor compreendemos que aquilo que nos parece normal poderá ser estranho para outros e que muitos comportamentos que nos surpreendem são tidos como perfeitamente comuns e aceitáveis noutros contextos culturais. Um caso exemplar é o da homossexualidade. Sabemos que na maior parte das sociedades ocidentais de hoje os homossexuais são alvo de preconceitos e discriminações e muitos são mesmo vistos como socialmente inadaptados. No entanto, na Grécia antiga, a homossexualidade não só era permitida como socialmente valorizada.

Este aprofundamento do conhecimento que temos de outras culturas torna-nos muitas vezes mais tolerantes, porque faz-nos deixar de acreditar que a nossa cultura proporciona a única forma satisfatória de viver. Conhecer as outras culturas permite-nos geralmente aceitar que os comportamentos que nelas encontramos surgiram devido a contextos históricos, geográficos, económicos e sociais diferentes daqueles que deram origem à nossa cultura, não sendo, portanto, disparatados ou descabidos.

Quando acreditamos que não devemos impor as nossas práticas e costumes a outras culturas, destruindo-as, aceitamos geralmente o relativismo cultural. Na verdade, a aceitação do relativismo cultural não envolve nada de extraordinário. Implica simplesmente que estamos dispostos a compreender o tipo de soluções que diferentes culturas adoptaram para os seus problemas de adaptação, que admitimos muitos comportamentos e práticas como apropriadas no contexto de outras culturas, e que estamos dispostos a defender que as culturas devem dialogar assumindo-se como diferentes e não como superiores ou inferiores.

**Relativismo moral**

Aceitar o relativismo cultural é geralmente o primeiro passo para defender o relativismo moral. O relativismo moral diz-nos que a ética, tal como os hábitos alimentares, as cerimónias de casamento ou o estilo de vestuário, varia de

sociedade para sociedade. Assim, aparentemente, o relativismo moral é apenas um aspecto do relativismo cultural. Todavia, estas são perspectivas claramente distintas – aceitar o relativismo cultural não implica estar de acordo com o relativismo moral. Enquanto que o relativismo cultural é uma teoria trivial acerca da diversidade cultural, o relativismo moral tem consequências que quase ninguém está disposto a aceitar.

Ser relativista moral implica estar disposto a entender que quaisquer regras morais que nós aceitamos podem ser inaceitáveis noutra sociedade. E assim implica acreditar que isto também se verifica no caso das regras que nos parecem mais importantes e incontroversas, como “Não devemos matar pessoas” ou “Não devemos provocar sofrimento desnecessário”. Para um relativista estas normas só são “válidas” no contexto de uma determinada sociedade e não há nada nelas próprias que as torne aceitáveis ou inaceitáveis. Elas não são universalmente boas ou más. Se uma determinada sociedade considerar disparatadas essas regras, então elas deixam de ser as normas que um indivíduo, dessa sociedade, deve seguir para agir bem. Enquanto que noutra sociedade que as considere normas boas, os indivíduos dessa sociedade devem segui-las para agir bem.

**Tarefa – Após leitura atenta dos textos, diga em que consistem os relativismos cultural e moral e qual a relação existente entre ambos.**

## Ficha 2

### **A NOVA ESPADA DO SAMURAI**

Um antigo costume dos Samurais consistia em testar as novas espadas num transeunte escolhido ao acaso (tsujigri)

A espada de um samurai tinha de ser testada porque, para funcionar adequadamente, tinha de atravessar alguém com um golpe desde o ombro até o flanco oposto. Caso o guerreiro não fosse bem sucedido, isso poderia manchar a sua honra, ofender os seus antepassados e mesmo decepcionar o seu imperador. Era necessário fazer testes e havia transeuntes que tinham de ser sacrificados. Qualquer transeunte servia, desde que não fosse, obviamente, outro samurai.

**-Rute, não te parece que matar uma pessoa para testar uma espada é moralmente incorrecto?**

- É óbvio que esse comportamento nos parece errado, porque não estamos familiarizados com ele. A nossa sociedade não aprova que as pessoas sejam mortas por esses motivos.

Se Connor Macleod, o Imortal, nos aparecesse ao virar da esquina e cortasse o nosso melhor amigo ao meio para ver se a sua espada poderia decepar outros imortais, estaríamos dispostos a mandá-lo para a cadeia. E com razão. Mas a nossa reacção só é esta porque vivemos numa sociedade que não aprova este tipo de comportamentos e por isso estamos habituados a vê-los como errados e incorrectos. Se vivêssemos no Japão dos Samurais, que claramente adoptava esta prática, tal estranheza já não existiria e a sua acção não nos pareceria errada nem monstruosa. Na ética é tudo uma questão de aprovação social.

**- Mas não acreditas que as sociedades podem evoluir e tornar-se cada vez mais aperfeiçoadas em termos morais? Não seremos nós hoje mais evoluídos do que os samurais?**

- As sociedades podem evoluir, mas isto significa apenas que podem mudar – podem tornar-se diferentes, mas não se podem tornar mais perfeitas ou melhores. (...) Quando pensamos o contrário estamos a assumir uma perspectiva sobre as culturas que poderá ser muito perigosa, porque facilmente nos conduzirá ao desejo de mudar os comportamentos diferentes dos nossos, mesmo que para isso seja necessária a violência ou até a destruição de outros povos.

**-Mas mudar as práticas dos outros nem sempre é errado. A crítica é um instrumento de aperfeiçoamento até para nós próprios.**

- A atitude mais correcta a tomar na relação com outras culturas não é de corrigir, mas a de aceitar, a de compreender. Quando compreendemos verdadeiramente uma cultura, percebemos que aquilo que nos parece absurdo afinal tinha razão de ser. A tolerância é uma das grandes conquistas do relativismo.

**- Mas se devemos sempre “abanar a cabeça em sinal de aprovação” relativamente ao que quer que seja que uma sociedade aprove, como vamos mudar? Ou melhor, afinal como explicas a mudança das normas sociais?**

-É claro que as sociedades vão mudando, pois são constituídas por pessoas e estas podem mudar de opinião. O que é certo e errado numa sociedade depende do que a maioria das pessoas dessa sociedade acredita ser certo e errado. A maioria decide quais são as normas morais verdadeiras e quais são falsas. Está tudo nas mãos da maioria.

**- Mas se aquilo que devemos considerar bom é o que a maioria decide que deve ser visto como tal, não correremos o risco de nos submetermos à maioria? Não estaremos a anular os nossos gostos, as nossas preferências e o nosso sentido crítico?**

- Se toda a gente fosse agir de acordo com os seus gostos e preferências, a sociedade não poderia existir, as relações sociais não sobreviveriam perante tal anarquia. Quando aceitamos como certo aquilo que a maioria determina, estamos a ser solidários com os outros membros da nossa sociedade e estamos a contribuir para a unidade e coesão sociais. Essa coesão é essencial para que a sociedade continue a atingir os seus objectivos e para que nós, individualmente, possamos continuar a beneficiar do facto de trabalharmos em conjunto. O relativismo fomenta assim o nosso bem-estar, não o destrói...

**Tarefa – Após leitura atenta do texto, identifique os argumentos (razões a favor) e os contra-argumentos (objecções/razões contra) nele apresentados sobre o relativismo moral.**

Textos retirados de *A Arte de Pensar*, Filosofia 10º ano, VV. AA.

### Ficha 3

“O meu nome é Ana Relativista. Aderi ao relativismo cultural ao compreender a profunda base cultural que suporta a moralidade.

Fui educada para acreditar que a moral se refere a factos objectivos. Tal como a neve é branca, também o infanticídio é um mal. Mas as atitudes variam em função do espaço e do tempo. As normas que aprendi são as normas da minha própria sociedade; outras sociedades possuem diferentes normas. A moral é uma construção social. Tal como as sociedades criam diversos estilos culinários e de vestuário, também criam códigos morais distintos. Aprendi-o ao estudar antropologia e vivi-o no México quando estive lá a estudar.

Considera a minha crença de que o infanticídio é um mal. Ensinaram-me isto como se se tratasse de um padrão objectivo. Mas não é; é apenas aquilo que defende a sociedade a que pertença. Quando afirmo “O infanticídio é um mal” quero dizer que a minha sociedade desaprova essa prática e nada mais. Para os antigos romanos, por exemplo, o infanticídio era um bem. Não tem sentido perguntar qual das perspectivas é “correcta”. Cada um dos pontos de vista é relativo à sua cultura e o nosso é relativo à nossa. Não existem verdades objectivas acerca do bem ou do mal. Quando dizemos o contrário, limitamo-nos a impor as nossas atitudes culturalmente adquiridas como se se tratasse de “verdade objectivas”.

“Mal” é um termo relativo. Deixem-me explicar o que isso significa. Por exemplo, quando digo que algo está “à esquerda”, apenas estou a dizer que está “à deste ou daquele objecto”. Nada está absolutamente à esquerda (ou à direita). Do mesmo modo, nada é um mal em absoluto, mas apenas um mal nesta ou naquela sociedade particular. O infanticídio pode ser um mal numa sociedade e um bem noutra. Podemos expressar esta perspectiva claramente através de uma definição: “X é um bem” significa “a maioria (na sociedade em questão) aprova X”. Outros conceitos morais, como “mal” ou “correcto”, podem ser definidos da mesma forma. Note-se ainda a referência a uma sociedade específica. A menos que o contrário seja especificado, a sociedade em questão é aquela a que pertence a pessoa que formula o juízo. Quando afirmo “Hitler agiu erradamente” quero de facto dizer “de acordo com os padrões da minha sociedade”.

O mito da objectividade afirma que as coisas podem ser um bem ou um mal de forma absoluta – e não relativamente àquela cultura. Mas como poderemos saber o que é o bem ou o mal em termos absolutos? Como poderíamos argumentar a favor desta ideia sem pressupor os padrões da nossa própria sociedade? As pessoas que falam do bem e do mal de forma absoluta limitam-se a absolutizar as normas que vigoram na sua própria sociedade. Consideram as normas que lhes foram ensinadas como factos objectivos. Essas pessoas necessitam de estudar antropologia ou de viver algum tempo numa cultura diferente.

Quando adoptei o relativismo cultural tornei-me mais receptiva a aceitar outras culturas. Como muitos outros estudantes, eu partilhava a típica atitude “nós estamos certos e eles errados”. Lutei arduamente contra isto. Apercebi-me de que o outro lado não está “errado”, mas que é apenas “diferente”. Temos, por isso, de considerar os outros a partir do seu próprio ponto de vista; ao

criticá-las, limitamo-nos a impor-lhe padrões que a nossa sociedade construiu. Nós, os relativistas culturais, somos mais tolerantes.”

“Como responder à diversidade cultural entre sociedades? Ana rejeita a atitude dogmática do género “Nós estamos certos e eles errados”. Percebe a necessidade de compreender as sociedades. Estas são ideias positivas. Mas, em seguida, afirma também que nenhum dos lados pode estar errado. Isto limita a nossa capacidade para aprender. Se a nossa cultura não pode estar errada, não pode aprender com os seus próprios erros. Compreender as normas de outras culturas não permitirá ajudar-nos a corrigir os erros (...) [da nossa cultura, uma vez que está não está errada (ou certa)].

Ana rejeita a crença em valores objectivos e chama-lhe o “mito da objectividade”. Nesta perspectiva, as coisas são um bem ou mal apenas relativamente a esta ou àquela cultura. Não são objectivamente boas ou más, como Kant pensava. Mas será [a objectividade dos valores] realmente um “mito”? O ponto de vista objectivista [ou essencialista] afirma que algumas coisas são objectivamente um bem ou um mal, independentemente do que possamos pensar ou sentir; contudo, esta perspectiva está preparada para aceitar algum relativismo noutras áreas. Muitas regras sociais são claramente determinadas por padrões locais:

Regra local: “É proibido virar à direita com a luz vermelha”.

Regra de etiqueta local: “Use o garfo apenas com a mão esquerda”.

É necessário respeitar este género de regras locais; ao proceder de outra maneira podemos ferir as pessoas, quer porque chocámos contra os seus carros, quer porque ferimos os seus sentimentos. Na concepção objectivista, a exigência de não magoar as outras pessoas é uma regra de um género diferente – uma regra moral – não determinada por costumes locais. Considera-se que as regras morais possuem mais autoridade do que as leis governamentais ou as regras de etiqueta; são regras que qualquer sociedade deve respeitar se quiser sobreviver e prosperar. Se visitarmos um lugar cujos padrões permitem magoar as pessoas (...), então esses padrões estão errados. O relativismo cultural disputa [discorda] esta afirmação. A ideia é que os padrões locais são determinantes, ainda que se trate de princípios morais básicos; assim, ferir outras pessoas (...) é um bem se esta atitude for socialmente aprovada.

Respeitar as diferenças culturais não nos transforma em relativistas culturais. Este é um falso estereótipo. O que caracteriza o relativismo cultural é a afirmação de que tudo o que é socialmente aprovado é um bem”.

(Texto adaptado) Harry Gensler, *Ética e Relativismo Cultural*

### **Tarefas**

1. Segundo a Ana qual é a base que suporta a moralidade? Quais as consequências desse facto?
2. Quais os principais argumentos apresentados contra o "mito da objectividade"?
3. Qual é, segundo a Ana, a principal virtude do relativismo cultural?
4. Como se caracteriza a perspectiva objectivista sobre a moralidade?
5. Qual a diferença estabelecida, pelo objectivismo moral, entre regras locais e regras morais?
6. Explique o sentido e as consequências do último parágrafo do texto 2.